

Can. Brasil

17 JUL 1997

Privatização ao avesso

CORREIO BRAZILIENSE

André Gustavo Stumpf

O país do real revela muitas irrealidades. O Brasil da inflação não exigia criatividade dos administradores. Bastava colocar o dinheiro, ou a verba pública, em alguma conta remunerada e atrasar os aumentos do funcionalismo público. A diferença entre o gasto e o recebido sempre dava ao gerente a fama de saber utilizar os recursos disponíveis. Enquanto houve a enlouquecida corrida de preços, as crises foram varridas para debaixo do tapete inflacionário. Administrar era relativamente fácil. Difícil era o assalariado sobreviver à elevação do custo de vida.

Veio a estabilidade. Mas a inflação, assunto dominante por mais de uma década, havia escondido os verdadeiros problemas brasileiros. Ela criou uma espessa névoa, que encobria descalabros abissais e problemas estruturais. Eles foram aparecendo, um a um, nos últimos anos. Os sem-terra revelaram a in-

justiça da distribuição da propriedade rural e a lógica absurda da legislação que tem referência ainda no Brasil colonial. Enquanto o governo olha para os seus desequilíbrios orçamentários e tenta impor ao Congresso as reformas constitucionais, o Brasil verdadeiro começa a aparecer no fundo do palco. Vai acabar dominando a cena.

Agora, as polícias. Na crise das polícias militares há, também, um retrato do Brasil. Aqui em Pernambuco, a proposta foi a de que os soldados passem a ganhar R\$ 130 reais. Eles recebem R\$ 75 de salário e uma gratificação de R\$ 45. A proposta foi dar um abono de dez reais. As negociações são absolutamente ridículas em termos de salário. Por onde os policiais andaram no centro do Recife receberam a adesão e a simpatia do povo. Em alguns estados do Nordeste, os sem-terra se juntaram aos soldados. Está sendo apalainado o cam-

po para uma crise institucional séria.

Mas os tesouros estaduais estão quebrados. Não há mais o recurso à inflação, nem a manobra dos precatórios, que enriqueceu corretores, alguns políticos, diretores de banco e meia dúzia de atravessadores. O sonho acabou. Agora é preciso administrar. E ao menos ter dinheiro para pagar salários. Os policiais militares de Alagoas querem receber seis meses de salários atrasados. Lá, a greve tem esse motivo.

Esse é um bom retrato do Brasil real. Assim como os professores, os policiais militares ganham salários ridículos. A diferença é que, enquanto uns ameaçam com o pó de giz, os outros carregam metralhadoras, promovem passeatas ameaçadoras e são capazes de desorganizar a vida nas cidades. Esse é o país que está aparecendo no horizonte, depois que se dissolveu

a névoa inflacionária. Surpreendente e injusto.

Os governos estaduais, salvo raríssimas exceções, estão quebrados. Falidos. Nos últimos anos, os seus assim chamados administradores contrataram funcionários a granel, promoveram toda a sorte de imprudências com os dinheiros públicos. Não sobrou nada. Tudo aquilo que depende da atuação estadual vai sendo paralisado pela ordem natural das coisas. Por ação de uma dramática cadeia de fatos conexos. Os serviços de saúde estão parando, as escolas vão fechando e os policiais ficam nos bares. Dentro em breve não haverá mais governos. Apenas a iniciativa particular, desordenada, à margem de qualquer norma, mas livre para impor seus objetivos e métodos. É a privatização ao avesso. Ou, à maneira brasileira.

■ André Gustavo Stumpf é jornalista